

# A economia da reciclagem: instrumento para o desenvolvimento sustentável ou garantia de novos negócios baseados na miserabilidade do trabalhador catador?

Cesar Augustus L.L. de Freitas<sup>1</sup>

João Batista de Deus<sup>2</sup>

João Claudino Tavares<sup>3</sup>

**Resumo:** O texto a seguir é resultado de dois momentos. O primeiro a partir de uma pesquisa com trabalhadores catadores nas cidades de Goiânia e Anápolis no período de agosto de 2008 a junho de 2009 que contribuiu na elaboração de uma tese de doutorado defendida em fevereiro de 2010. O segundo momento aparece como resultado de debates posteriores à defesa de tese, que ocorrem no Grupo de Pesquisa “Processos de produção e relações de trabalho nas economias dependentes” e no Núcleo de Estudos e Pesquisas Marx-Engels. O objetivo geral é entender a relação entre o desenvolvimento da reciclagem enquanto uma importante atividade econômica no século XXI e o intenso grau de precariedade existencial de seu elemento mais importante, o trabalho do catador.

**Palavras-chave:** reciclagem, trabalhador catador, trabalho precarizado

## A reciclagem na perspectiva da construção da “dignidade” no trabalho ou reprodução da miserabilidade do trabalhador?

O desenvolvimento das forças produtivas sob o capitalismo possui uma lógica excludente e predatória. Isto significa dizer que as condições prioritárias para que ocorra o desenvolvimento capitalista é a reordenação de forças no sentido de criação de uma

nova ordem de expansão da economia de mercado (LUXEMBURG, 1983). No entanto, mesmo produzindo uma destruição criadora (SCHUMPETER, 1988) acompanhada de uma criação destrutiva (MÉSZÁROS, 2002), precisa também garantir uma situação de segurança e estabilidade que crie as condições de sua manutenção enquanto ordem social dominante.

As políticas de “inclusão social” são um grande exemplo desta condição apresentada. Incluídas nestas políticas, as atividades recicladoras estão colocadas como prioritárias na ordem do dia, porque além de conseguir manter um discurso de que a sustentabilidade ambiental é possível nos limites do capitalismo, garantem também a “inclusão” social de indivíduos que não “servem” para outros setores de atividade. Estas formas de inclusão, de acordo com Medeiros e Macêdo (2006), se apresentam na maior parte das vezes de forma bastante perversa.

Como forma de criar uma “imagem mais humanizada” destes novos negócios, o discurso utilizado é de que a reciclagem não se pauta pela produção de valor (LAYRARGUES, 2002). Existe a construção de um discurso socialmente aceitável, que apresenta a reciclagem como um setor que “foge” destas características.

Por outro lado, os argumentos apresentados não condizem com a realidade dos catadores, principalmente se considerarmos os ganhos dos catadores no Brasil (a grande maioria ganha menos que

<sup>1</sup>Graduado em Economia e Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal do Maranhão. cesarlabre@bol.com.br. Grupo de pesquisa: Processos de produção e relações de trabalho nas economias dependentes e Núcleo de Estudos e Pesquisas Marx-Engels.

<sup>2</sup>Graduado em Geografia e Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. deus.joao@gmail.com.

<sup>3</sup>Economista e Doutor em geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal do Maranhão. jclaudinot@yahoo.com.br. Grupo de Pesquisa: Processos de produção e relações de trabalho nas economias dependentes e Núcleo de Estudos e Pesquisas Marx-Engels.

um salário mínimo). Entretanto, é construída uma imagem da reciclagem como elemento de inclusão para trabalhadores que não têm chance no jogo formal do mercado. São trabalhadores que se encontram como parte estagnada da superpopulação relativa (MARX, 1988).

Nesta situação, os trabalhadores catadores se apresentam como uma inesgotável fonte de recursos para o capital investido na reciclagem. As condições de vida estão bem abaixo de outros setores das classes trabalhadoras, o que caracteriza uma disponibilidade para um máximo tempo de trabalho (Quadro 1).

**Quadro 1 – Renda média mensal e quantidade diária de horas trabalhadas**

<b>Renda média mensal</b>	
Até R\$ 200,00	7%
R\$ 200,00-500,00	79%
Acima de R\$ 500,00	14%
<b>Horas trabalhadas diárias</b>	
8- 12 hs	55%
Acima de 12 hs	45%

Fonte: FREITAS, Cesar Augustus Labre Lemos de. Pesquisa realizada no período de Agosto de 2008 a Junho de 2009 em Goiânia e Anápolis.

Foi necessário também criar uma forma de reconhecimento legal por parte do Estado que justifique o desenvolvimento deste setor. A partir do ano de 2002, estes trabalhadores conquistaram “avanços” segundo Medeiros e Macêdo (2006), pois conseguiram seu reconhecimento enquanto categoria profissional no CBO (Código Brasileiro de Ocupações) do Ministério do Trabalho<sup>4</sup>. Porém é importante ressaltar que a simples inclusão como categoria profissional reconhecida não irá garantir a melhoria de suas condições de existência. Este “reconhecimento” não pode também amenizar o grau de exploração a que estão submetidos.

<sup>4</sup>O trabalho é exercido por profissionais que se organizam de forma autônoma ou em cooperativas. Trabalham para venda de materiais a empresas ou cooperativas de reciclagem. O trabalho é exercido a céu aberto, em horários variados. O trabalhador é exposto a variações climáticas, a riscos de acidente na manipulação do material, a acidentes de trânsito e, muitas vezes, à violência urbana. Nas cooperativas surgem especializações do trabalho que tendem a aumentar o número de postos, como os de separador, triador e enfardador de sucatas.

O que se apresenta então como “avanços”, não é nada mais do que a construção de estratégias que condicionem de forma legal o processo de exploração. Os aspectos qualitativos da exploração não se alteram pelo fato do trabalhador estar condicionado ou não a um determinado tipo de estrutura de reconhecimento legal. Além disso, é importante lembrar ainda que o “reconhecimento” do trabalho do catador pelo Ministério do Trabalho e do Emprego está restrito aos catadores que estão organizados, seja em associações ou em cooperativas (SEVERO, 2008). É importante considerar também a grande dificuldade na organização dos catadores, principalmente os que atuam de forma isolada. Só como exemplo desta realidade, nas cidades de Goiânia e Anápolis até o ano de 2009, apenas 111 trabalhadores atuam em associações ou cooperativas<sup>5</sup>. Estes aspectos pontuais, colocados como avanços na condição dos catadores de materiais recicláveis, não conseguem reverter a sua situação de degradação material.

**Tabela 1 – Relação de cooperativas/associações e quantidade de cooperados/associados em Goiânia e Anápolis**

Associação/Cooperativa	Quantidade de associados/cooperados	Cidade
COOPREC	33	Goiânia
COOPERMAS	20	Goiânia
ACOP	10	Goiânia
BEIJA-FLOR	12	Goiânia
COOPER-RAMA	20	Goiânia
AMBIENTAL	Não informado	Goiânia
COOPERSÓLIDOS	16	Anápolis

Fonte: Companhia de Urbanização de Goiânia – 2009  
Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Anápolis - GO

Segundo informações do MNCR (Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis), o número de catadores no Brasil se aproxima dos 500 mil trabalhadores, mas destes, apenas 85.000 são vinculados ao movimento. Estes números demonstram o baixo nível de organização, o que compromete inclusive as perspectivas de ação. Isto cria uma situação de letargia nas classes trabalhadoras, as suas

<sup>5</sup>Segundo a Companhia de Urbanização de Goiânia existem, em Goiânia, aproximadamente 2.500 trabalhadores catadores de materiais recicláveis nas ruas.

ações estão sempre pautadas pela espera de ações de terceiros. Está colocada a necessidade de parcerias como forma de estabelecer uma “harmonia” produtiva na cadeia da reciclagem. Entretanto, a inserção formal do trabalhador catador no processo produtivo não altera em nada a essência da relação espoliadora que é imposta na atividade de trabalho.

Os processos de reciclagem/coleta seletiva de “lixo”<sup>6</sup> aparentam uma importante função social: gerar emprego e renda, inclusão social e preservação ambiental. Ela esconde por trás, enormes possibilidades de ganhos de capital, além de garantir uma massa enorme de força de trabalho disponível a custos baixos, segundo Gonçalves (2005) e Stroh e Santos (2007).

Por não possuírem o controle social da produção, os catadores ficam sujeitos aos preços que os diversos atravessadores impõem. O seu poder de negociação se torna bastante reduzido perante as empresas que controlam o setor. Diante desta realidade, a questão mais importante a ser colocada não é a perspectiva de serem incluídos ou não no mercado formal, mas sim como obter o controle da cadeia produtiva.

A posição dos catadores dentro da reciclagem lhes cria uma série de inconvenientes. Esta condição os deixa extremamente vulneráveis as condições impostas por outros agentes, que participam no mercado da reciclagem. É importante salientar que entre os trabalhadores catadores e sucateiros, a relação de concorrência perfeita não existe. A situação de mercado é mais favorável para os segundos, pois estes se apresentam não só como intermediários, pois muitas vezes são donos dos próprios instrumentos de trabalho (os carrinhos fornecidos aos carrinheiros para catar o material nas ruas das cidades).

---

<sup>6</sup> O termo se encontra entre aspas porque consideramos que quase a totalidade do material descartado no processo de produção tem sido aproveitado como matéria-prima, sendo esta a função prioritária do setor de reciclagem. O termo lixo sem aspas, significa algo que não pode ser mais reaproveitado.

O discurso hegemônico, no entanto, pretende colocar que é exatamente o mercado em concorrência perfeita que pode trazer vantagens a todos que dela participam. O discurso que prevalece é que, mesmo dentro de um mercado desigual como o da reciclagem, os princípios da liberdade e igualdade de oportunidades sempre predominam na construção do bem-estar. Isto é importante ser afirmado, pois levanta uma questão: Como podem os trabalhadores catadores conseguir avanços significativos, se não obtêm o controle social da produção?

Mesmo no capitalismo, várias concessões são feitas para as classes trabalhadoras, mas o controle social da produção (espinha dorsal), em momento algum pode ser modificado. Quando isto acontece, se modifica toda a estrutura da ordem social vigente.

Se a reciclagem for pensada só em seus aspectos pontuais e isolados, nas “chances” oferecidas ao trabalhador catador ou na proposta de um “ambiente mais limpo e saudável”, a análise fica incompleta. É importante considerar este setor da produção capitalista como uma cadeia em que o catador aparece como o elo mais fragilizado deste circuito econômico<sup>7</sup>. É um setor que ganhou uma considerável importância no atual estágio do capitalismo, mas baseado em uma força de trabalho degradada. É um setor de atividade que tem, pelo menos no discurso, representado a vanguarda no processo de recuperação ambiental. Mas o que não se deixa explicitar de forma alguma é que a produção de desperdício aparece como um componente funcional e estrutural do desenvolvimento capitalista (MÉSZÁROS, 2002), principalmente em seu atual estágio.

O setor tem se apresentado então como uma das salvaguardas do processo de desperdício, quando as empresas do setor constroem todo um discurso de “responsabilidade social e ambiental”. Apresenta à sociedade uma alternativa viável ao intenso desperdício

---

<sup>7</sup> Segundo informações do MNCR (Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis) 89% do trabalho na cadeia produtiva da reciclagem são executados pelo trabalhador catador.

gerado, pois o desperdício aparece como um comportamento irracional da humanidade. A educação e a conscientização ambiental se tornam elementos necessários e suficientes ao melhor manejo dos recursos do planeta.

As possíveis melhorias proporcionadas pela reciclagem de “lixo” não levam em conta a precariedade dos catadores. O discurso que se apresenta hegemônico é que esta atividade não tem como objetivo principal o lucro, mas a construção de uma sociedade mais limpa e saudável.

O “lixo” pode ser utilizado como elemento de cidadania e as territorialidades dos trabalhadores catadores – principalmente em formas de associações ou cooperativas - teriam como resultado a formação de verdadeiros “espaços de esperança” (HARVEY, 2004). Estes se apresentariam como fontes de emprego e renda para uma parcela da população sem alternativas. Neste sentido, o significado dado a este processo é a formação de uma dinâmica espacial não do “lixo”, mas espaços de cidadania e muitas vezes do resgate do direito à cidade.

#### **A situação dos trabalhadores catadores: “novas” formas de miserabilidade nas cidades contemporâneas**

As formas sociais decorrentes da organização produtiva da sociedade passam por vários estágios. Sem cair no equívoco determinista, pode-se afirmar que são constantemente repetidas nas várias fases do capitalismo, em momentos e lugares diferentes.

Um exemplo claro para isso é dado na descrição que Engels (1988) faz das condições de ocupação do espaço das classes trabalhadoras nas cidades inglesas, nos primórdios da primeira Revolução Industrial. Apesar das mudanças significativas - mas pontuais das condições materiais no século XX (principalmente nos ditos trinta anos gloriosos do capitalismo) - não impediu que o processo de espoliação das classes trabalhadoras se intensificasse (KOWARICK, 1993).

Engels (1988, p. 37) se refere sobre a dilapidação por

que passa a classe trabalhadora no auge da revolução industrial inglesa. Uma situação que não difere muito das condições que uma grande parte dos trabalhadores vive na atualidade do capitalismo. Como expressão deste processo, os catadores de materiais recicláveis podem ser citados.

Dentre estes trabalhadores, é importante evidenciar sobre os trabalhadores catadores que sobrevivem nos lixões. Eles têm que se debater como puder, pois para garantir a sua sobrevivência, eles dependem de um esforço sobre-humano para aguentar condições de trabalho, que lhe tiram quaisquer aspectos de humanidade. Engels (1988) fala em “turbilhão caótico” para os trabalhadores, os dilemas e sofrimentos para se manterem sobrevivendo, além de perder seu aspecto de humanidade.

Existe uma “guerra social” disputada em diversos fronts no capitalismo. É uma guerra que acontece entre os trabalhadores, pois para sua sobrevivência é necessário se digladiar pelos despojos do consumo da sociedade burguesa. E os trabalhadores catadores precisam disputar entre si o refugio produzido pela sociedade para que possam sobreviver.

Apesar dos diferentes contextos temporais, o contexto sociohistórico produzido é o mesmo. Estão inseridos no contexto da formação social capitalista, que não consegue existir sem a criação de uma situação caótica para os trabalhadores. A realidade dos trabalhadores catadores mostra também o quanto são penalizados em seu processo de trabalho. Fazem parte de uma ordem social que produz uma desordem na existência destes trabalhadores, um processo de penalização constante e contínuo.

A foto 1 mostra o momento em que o caminhão que recolhe o “lixo” na cidade de Anápolis chega ao lixão. É um momento onde existe uma grande disputa pelo material. Pois é exatamente a capacidade de cada um de vencer ou não a disputa pelo material, que lhe garante um melhor rendimento.



**Foto 1 - Trabalhadores disputando material no lixão de Anápolis - Goiás**



Fonte: 15ª Promotoria de Justiça da Comarca de Anápolis. 2009.

A realidade se transforma em uma guerra de indivíduos contra indivíduos. É um modo de perceber a realidade, como se todas as relações tivessem origem no indivíduo e não no corpo coletivo da sociedade. Marx (1977) considera isto como “parte das ficções pobremente imaginadas do século XIX”, ficções estas que contribuem de forma significativa para desviar o foco das atenções. Um problema que é resultado direto da formação das desigualdades no capitalismo para que as próprias vítimas se assumam como culpados.

Ao se falar em sociedade, não quero imputar também a responsabilidade a um coletivo abstrato (MARX, 1977), mas sim ver como uma coletividade que se expressa no tempo e no espaço. Apesar de que este processo de construção de uma culpabilidade abstrata seja necessário, pois desvia o foco de que a situação da pobreza não é resultado de uma situação de classe.

A foto 2 mostra alguns trabalhadores que atuam no lixão de Anápolis, usando um rio que passa próximo do lixão para a sua “higiene” diária. Esta situação está muito próxima também do que Engels (1988, p. 64) demonstra na Inglaterra do século XIX quando afirma que “Como se pode querer que as pessoas se lavem quando não possuem nas proximidades senão as águas sujas do Irk, e quando as canalizações e as bombas só existem nos bairros decentes?” O autor, ao terminar a frase com ideia de decência, indica a condição de vida dos pobres em muitas das grandes cidades, fora dos padrões de

decência impostos pela ordem burguesa.

**Foto 2 - Trabalhadores em seu processo de “limpeza”**



Fonte: 15ª Promotoria de Justiça da Comarca de Anápolis, 2009.

A “sujeira” em que vivem e com que convivem é um elemento necessário para sua sobrevivência, ou seja, para que possam sobreviver devem estar sempre “sujos”. Isto contrasta com a ideia proposta por Smith (1988) quando o mesmo afirma que pela lógica do mercado, os trabalhos mais difíceis e sujos seriam aqueles que necessariamente ofereceriam uma melhor remuneração, pela dificuldade em atrair trabalhadores.

A realidade do “mercado de trabalho” capitalista demonstra o contrário, pois algumas atividades, como a catação de materiais recicláveis, são aquelas em que os rendimentos têm sido os menores (em média de R\$ 200,00 – R\$ 500,00 mensais, conforme quadro 1).

Além disso, as pessoas envolvidas neste trabalho, não só no lixão, mas também nas ruas das cidades se apresentam como verdadeiros farrapos humanos. Estes trabalhadores se contrastam com o resto da cidade pela sua aparência e pelas atividades que executam.

Em primeiro lugar, isto pode ser caracterizado como um elemento importante de redução da perspectiva de vida destes trabalhadores. Os mesmos estão sujeitos a uma série de contaminações – isto não só por trabalharem desprovidos de equipamentos de segurança – mas inclusive por se alimentarem muitas vezes do material encontrado no “lixo”.

Um segundo elemento a ser considerado é o fato de

que estes trabalhadores ficam desvinculados e desligados inclusive da própria cidade. A reportagem a seguir, mostra uma relação de rejeição da cidade com estes trabalhadores.

É difícil imaginar que o centro de Goiânia esconda tanta miséria. No local que ficou conhecido como invasão da linha de trem — que fica em um vão onde um trecho da linha do trem de ferro foi desativada, moram cerca de 15 famílias. Moram no sentido de viver, não de ter moradia. São pessoas que sobrevivem daquilo que a cidade expurga — o lixo. Eles próprios foram expulsos da sociedade, como é o caso da ex-doméstica Maria da Conceição Barbosa da Silva, de 31 anos, que há cinco meses vive com seus quatro filhos na invasão — Elaine, de 6 anos; Naison, de 8; Natanael, de 10, e Natália, de 13 (BAHIA, Julho de 2009).

A reportagem demonstra um caráter de desalento dos catadores, pois apresenta uma situação de desprezo da cidade por estes trabalhadores. Isto lhes impede qualquer tipo de dignidade, haja vista que os mesmos não têm nem mesmo o direito à cidade que contribuem para produzir e “limpar”.

### O desenvolvimento do setor de reciclagem no Brasil

Como forma de demonstrar a disparidade entre os ganhos do setor de reciclagem e as condições existenciais dos trabalhadores catadores, é importante destacar a evolução do setor de reciclagem no Brasil. Este tem apresentado uma evolução significativa nas últimas décadas, o que justifica a euforia que tem tomado conta do setor empresarial brasileiro. A seguir será feita uma breve análise do desempenho de três setores específicos – alumínio, papel e celulose e pet – e diante disso, entender quais são as características que possibilitam a evolução do setor.

Os números apresentados no Quadro 2, demonstram a relação desproporcional entre produção e apropriação de riqueza na reciclagem. O crescimento do faturamento, entre 2006 e 2007, está ligado principalmente à redução dos custos com geração de energia para a produção de alumínio, pois a economia para a indústria chega aos 95%.

### Quadro 2 – Resultados da indústria brasileira de alumínio

<b>Faturamento (U\$)</b>	
2006	6,3 bi
2007	7,8 bi
Energia Poupada na produção de alumínio a partir de 270 mil ton material reciclado – 2004	3.900 GWH
<b>Volume de Alumínio Reciclado</b>	
1990	65 mil ton
2004	270 mil ton
<b>Economia de custos em relação ao processo original de alumínio</b>	
	95,00%
<b>Economia das reservas de Bauxita por 1 tonelada de alumínio reciclável</b>	
	0,0179% Reservas Brasileiras 0,0138% das Reservas Mundiais

Fonte: Abal– Associação Brasileira do Alumínio; Abralatas – Associação Brasileira de Fabricantes de Latas de Alta Reciclabilidade; Layrargues, 2002

Segundo Layrargues (2002) os números da indústria de alumínio demonstram que o discurso de sustentabilidade se apresenta também de forma equivocada. De acordo com o autor, mesmo que o Brasil já tenha alcançado o surpreendente índice de 95% de alumínio reciclado, isto representa uma redução de menos de 0,2% na exploração das reservas de bauxita situadas em território nacional. Estas informações indicam que a reciclagem de alumínio contribui de forma pouco significativa para a conservação do ambiente. A produção do alumínio e a consequente exploração das reservas de bauxita dependem sobremaneira do potencial do mercado.

É uma afirmação que serve como referência para questionar o papel da indústria da reciclagem no capitalismo contemporâneo. Esta aparece travestida como resultado da construção de uma consciência de responsabilidade socioambiental, o que justifica seus atuais níveis de rentabilidade.

### Quadro 3 - Resultados da indústria de papel e celulose no Brasil

<b>Faturamento (Mil reais)</b>		
2006	2007	Tx Crescimento
23.345.378	24.593.465	5,30%
<b>Salários (Mil reais)</b>		
2006	2007	
1.392.146	1.449.100	4,00%
<b>Impostos e Taxas (Mil reais)</b>		
2006	2007	
2.041.158	2.132.382	4,50%
<b>Taxa de Recuperação de Papel Reciclável</b>		45,00%

Fonte: Bracelpa – Associação brasileira de Celulose e Papel

Com relação à indústria de papel e celulose, o Quadro 3 nos oferece importantes elementos para análise. Enquanto o faturamento no período entre 2006 e 2007 cresceu 5,3%, os salários (diretos e indiretos) cresceram 4%. A taxa de material reciclável utilizado pela indústria de papel e celulose é bastante considerável (45%). É resultado direto da atuação dos catadores, ou seja, os números apresentados indicam que a participação dos catadores neste processo acontece de forma muito intensa.

**Tabela 2 - Resultado da indústria pet no Brasil**

Ano	Reciclagem (Kton)	Capacidade de Reciclagem (Kton)	Taxa de Utilização da Capacidade Reciclada
2004	167	-	-
2005	174	241	69,30%
2006	194	242	71,90%
2007	231	269	72,10%

Fonte: ABIPET

Com relação ao PET, a Tabela 4 demonstra um crescimento considerável tanto na capacidade de reciclagem como na taxa de utilização da capacidade reciclada. O crescimento segundo a ABIPET representa um reflexo da recuperação do mercado que vem ocorrendo desde 2005. O aumento do volume de reciclado colocou o Brasil na segunda posição mundial perdendo apenas para o Japão, segundo a ABIPET (Associação Brasileira de Indústria PET).

Outro elemento fundamental para análise está na relação entre crescimento econômico e produção de “lixo”. Se tomarmos como base a tabela 3, pode ser verificado que os municípios informados estão entre os dez maiores PIBs (Produto Interno Bruto) do estado de Goiás, sendo que Goiânia e Anápolis estão respectivamente em primeiro e segundo lugar.

**Tabela 3 – Produção diária de lixo (ton) Brasil, Goiás e municípios selecionados**

Brasil	157.708
Centro-Oeste	10.727
Goiás	4.342
Anápolis	200
Aparecida de Goiânia	228
Catalão	24
Goiânia	1.279
Itumbiara	70

Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional de Saneamento Básico - 2000

Os cinco municípios representam aproximadamente 56% do PIB estadual e aproximadamente 46% de todo o lixo produzido em Goiás, o que demonstra uma relação direta entre produção de riqueza e produção de “lixo” no capitalismo. O aproveitamento deste “lixo” passa a ter um caráter de essencialidade na produção de valor. O mesmo precisa ser transformado em matéria-prima que garanta um custo reduzido de reprodução. É de extrema necessidade o aproveitamento “racional” dos recursos, no caso o “lixo” que se torna enquanto tal. A racionalidade não significa uma preocupação com a sobrevivência da espécie humana, mas sim com a produção de valor.

### Considerações finais

As formas como se explicitam o desenvolvimento econômico no capitalismo tem agudizado a dinâmica de espoliação dos trabalhadores. No caso dos trabalhadores catadores, esta espoliação se evidencia no cotidiano das cidades, evidenciando assim uma contradição intensa de uma forma social que, ao mesmo tempo, por um lado, intensifica a produção de riqueza e, por outro lado, amplia a produção da miséria (MARX, 1988a).

As reflexões desenvolvidas nos parágrafos anteriores demonstram a enorme contradição entre o discurso de responsabilidade social utilizado como justificativa para “incluir” os trabalhadores na atividade de reciclagem e o alto grau de degeneração que esta atividade imputa a estes trabalhadores. Isto demonstra também que o discurso e prática do desenvolvimento sustentável tem se estruturado na ampliação da condição de miséria, não só dos trabalhadores catadores, mas também de uma considerável parcela dos trabalhadores em diversos setores de atividades.

### Referências Bibliográficas

BAHIA, Andréia. **Vivendo do lixo: o outro papel da cidadania.** Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?Secao=Destaques1&idjornal=66>> Acesso em: 15 Jul. 2009.

ENGELS, Friedrich **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. 2 ed. São Paulo: Global, 1988.

FREITAS, Cesar Augustus Labre Lemos de. **A reciclagem e sua dinâmica reprodutora de uma situação de lumpemproletariado**. 248 f (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. O movimento nacional de catadores de resíduos recicláveis no Brasil. **Revista pegada**, Presidente Prudente, n. 2, v. 6, Nov./2005. Disponível em: <<http://www.prudente.unesp.br/ceget>>. Acesso em: 17 Nov. 2007.

KOWARICK, Lúcio. **Espoliação urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

LUXEMBURG, Rosa. **A acumulação de capital**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

LAYRARGUES, Philippe. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, F.; LAYRARGUES, P.; CASTRO, R. (Orgs). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

\_\_\_\_\_. **O Capital: crítica da economia política: livro primeiro: o processo de produção do capital: volume I, tomo**

**II (capítulos XIII a XXV)**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Economistas)

MEDEIROS, Luiza Ferreira R.; MACEDO, Kátia. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/seerpsicsoc/.../viewarticle.php?id.>>. Acesso em: 02 de Maio de 2008.

MÉSZÁROS, Istvan. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

SEVERO, Ricardo Gonçalves. **Catadores de Materiais Recicláveis da Cidade de Pelotas: Situações de Trabalho**. 2008. 127f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas- RS, 2008.

SMITH, Adam. **A riqueza das Nações: Investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Economistas)

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Economistas)

STROH, Paula Yvone; SANTOS, Michela Araújo dos. **lixo, trabalho e cidadania**. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**, 13, 2007, Recife. Anais eletrônicos... Recife: UFPE, 2007. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br/.../GT29%20Trabalho.../Microsoft%20Word%20->